

Entre a fé e a descrença: estudo sobre o sagrado e o profano em Clarice Lispector

Vitor Kenzo Kadowaki¹⁶¹

Resumo

A presente apresentação possui como objetivo refletir a relação entre o sagrado e o profano em três obras de Clarice Lispector: a crônica “Mineirinho”, publicada na coletânea *Para não esquecer* (1978); e os contos “O crime do professor de matemática” e “Perdoando Deus”, publicados nos livros *Laços de Família* (1960) e *Felicidade Clandestina* (1971), respectivamente. A partir da leitura das obras citadas, é possível observar, em um nível tanto lexical quanto sintático, a presença de elementos da tradição bíblica. Defende-se a ideia de que a autora se utiliza do discurso religioso nestes textos não com a finalidade de aderir a ele de modo ortodoxo, mas sim redefinindo-o na sua escrita e utilizando-o no processo criativo. Além disso, observa-se que a relação das personagens protagonistas com a dimensão religiosa é marcada pela tensão. A partir disso, propõe-se entender de modo mais claro como se configura a relação entre o homem e o sagrado, tendo como base uma metodologia pautada em um material bibliográfico referente à área da Antropologia. Autores como Mircea Eliade, Roger Bastide e Alfonso diNola foram de grande importância para a compreensão de conceitos imprescindíveis para a execução da pesquisa. Os resultados parciais, obtidos nos primeiros seis meses referentes ao programa de Iniciação Científica, indicam que houve, na modernidade, um processo de dessacralização da realidade devido ao processo de urbanização e avanço tecnológico.

Palavras-chave

Clarice Lispector; sagrado; profano

¹⁶¹ Aluno de Graduação em Letras Português-Inglês, desenvolve atualmente a pesquisa de Iniciação Científica sob orientação do Professor Doutor Jaime Ginzburg, e auxílio do CNPq (bolsa PIBIC). Participa no grupo de pesquisa “Literatura e Cinema no Brasil Contemporâneo”, ministrado pelo professor orientador. E-mail: vitor.kenzo.kadowaki@usp.br.

A leitura de apenas algumas obras de Clarice Lispector nos permite identificar, entre um dos temas recorrentes, a religiosidade. Nota-se, também, que a matéria religiosa em Lispector se encontra em gêneros diferentes, tais como contos, crônicas e romances; e em épocas distintas. Para a pesquisa de Iniciação Científica, iniciada em agosto de 2018, e cujos resultados parciais serão apresentados nessa comunicação, optou-se por estudar textos de gêneros diferentes (contos e crônica), cada um publicado em uma época diferente, presente em livros diferentes. São eles: a crônica “Mineirinho” e os contos “O crime do professor de matemática” e “Perdoando Deus”.

Em “Mineirinho”, a narradora, em primeira pessoa, “como um dos representantes de nós” (LISPECTOR, 1999, p. 123), manifesta sua indignação e horror ante a morte do facínora que dá nome à crônica, assassinado a treze tiros por policiais. Palavras como Deus, perdição, salvação, escuridão, entre tantas outras, são encontradas no decorrer da leitura. Como afirma Yudith Rosenbaum (2010), até mesmo as repetições, tal como a da expressão “meu erro”, revela um paralelismo com a estrutura litúrgica. No entanto, as observações sobre violência e justiça aludem a um “deus fabricado”, criado “à imagem do que eu precisar para dormir tranquila” (LISPECTOR, 1999, p. 126), cuja proteção não é evidenciada. A narradora versa sobre a ideia de uma “justiça prévia”, “mais doida”, “aquela que vê o homem antes de ele ser um doente do crime” (LISPECTOR, 1999, p. 125). Essa justiça teria ligação com um olhar empático, um “amor profundo” (LISPECTOR, 1999, p. 126). Os enunciados antitéticos “maldade organizada” e “quem entende desorganiza” indicam que a organização, neste texto, é tida como algo pejorativo, pois se associa ao estado de alienação. O fim deste estado (alcançado a partir do entendimento) desorganizaria a ordem das coisas: “se eu não for sonsa, minha casa estremece” (LISPECTOR, 1999, p. 124). Neste sentido, Deus aparece aqui ligado à alienação dos cidadãos, dos “sonsos essenciais”, tendo em vista que fabrica-se um deus, de modo que “dormimos e falsamente nos salvamos.” (LISPECTOR, 1999, p. 124).

Já no conto “O crime do professor de matemática”, o narrador, em terceira pessoa, relata a história de um professor que sobe “a colina mais alto” (LISPECTOR, 2009, p. 118) com um saco na mão. Momentos depois, quando o personagem protagonista o abre, nos deparamos com a presença de um cão morto – um substituto do “verdadeiro” cão, o “outro”, que ele havia abandonado. O narrador informa, então, que o animal será sepultado na colina, e o professor, tendo escolhido

o local para enterrar o cão, começa a cavar a cova. Quando enfim o homem termina o trabalho, há uma sensação de libertação, de modo que “seu crime fora punido e ele estava livre” (LISPECTOR, 2009, p. 121). O foco narrativo muda para a primeira pessoa, de tal forma que o leitor passa a ter contato com os pensamentos e observações do professor em relação ao cão “verdadeiro”, isto é, aquele que não fora enterrado. É possível observar uma ideia de constante exigência, que aparece três vezes no decorrer do conto: “Não me pedindo nada, me pedias demais. De ti mesmo, exigias que fosses um cão. De mim, exigias que eu fosse um homem” (LISPECTOR, 2009, p. 123); “Com alívio abandonou-te. Com alívio sim, pois exigias – com a incompreensão serena e simples de quem é um cão heroico – que eu fosse um homem” (LISPECTOR, 2009, p. 123); “[...] como se exigisse que ele, num último arranco, fosse um homem.” (LISPECTOR, 2009, p. 125). Na crônica “Bichos (I)”, publicada no dia 13 de março de 1971 no *Jornal do Brasil*, é possível notar, de forma parecida com o conto em questão, a dissolução da linha que separa o homem do animal:

Às vezes sinto o mudo grito ancestral dentro de mim quando estou com eles: parece que não sei mais quem é o animal, se eu ou o bicho, e me confundo toda, fico ao que parece com medo de encarar meus próprios instintos abafados que, diante do bicho, sou obrigada a assumir, exigentes como são. (LISPECTOR, 2018, p. 375).

No final do conto, o foco narrativo volta para a terceira pessoa, e o professor, olhando “a cova onde enterrara a sua fraqueza e a sua condição” (LISPECTOR, 2009, p. 125), percebe que o que havia feito com o cão “verdadeiro”, isto é, abandoná-lo, configurava um ato “ímpune e para sempre” (LISPECTOR, 2009, p. 125). É nesse momento que o homem decide retirar o cão morto do buraco que havia cavado, renovando para sempre o seu crime.

No que diz respeito às imagens religiosas, nota-se que elas aparecem logo no segundo parágrafo, com a presença dos católicos e da igreja. Além disso, a própria ideia de sacrifício que perpassa a narrativa é de ordem religiosa, se tal fenômeno for considerado como um procedimento realizado por comunidades arcaicas a fim de apaziguar a ira dos deuses e estabelecer a ordem social. Entretanto, a tentativa de um rito fúnebre – que formaliza a morte tanto em povos primitivos quanto modernos – é mal sucedida, tendo em vista que a personagem protagonista desenterra o cão morto e desce da montanha “em direção ao seio da família.” (LISPECTOR, 2009, p. 125).

Por fim, em “Perdoando Deus”, observa-se a presença de uma narradora em primeira pessoa que, nos dois primeiros parágrafos, manifesta uma afeição enorme por Deus. É interessante notar, nessa primeira passagem, a repetição da palavra “carinho”. Assim, nota-se que a questão religiosa se apresenta não apenas no título, como também na relação que se estabelece entre a narradora e a figura Dele. Neste conto, especificamente, esse contato se apresenta a princípio positivo e harmoniosamente. No entanto, uma ruptura brusca ocorre quando a personagem quase pisa em um rato morto. O que antes era reverência se transforma em terror, medo e pânico, de modo que é possível ver uma quebra do estado de alienação no qual a personagem se inseria: “[...] cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver.” (LISPECTOR, 1998, p. 42). Quebra-se, portanto, a visão harmoniosa que a narradora conferia a Ele: “A grosseria de Deus me feria e insultava-me.” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Neste sentido, os três textos em questão se caracterizam pela presença de alusões à matéria religiosa. No entanto, é importante notar que elas não se inserem nos textos de modo a aderir princípios ortodoxos. Pelo contrário, nota-se que os elementos religiosos são muitas vezes subvertidos, modificados, postos em xeque. Assim, a matéria religiosa inserida nos textos não se liga a um fanatismo religioso, mas é redefinida e ligada a elementos da vida profana. Vilma Arêas, em seu livro *Clarice Lispector com a ponta dos dedos* (2005), mostra como “o sentimento que ela [Clarice Lispector] empresta ao tema não adere à ortodoxia religiosa, pois redefine o divino de forma material e apaixonada” (ARÊAS, p. 46), e mais adiante, afirma como a linguagem religiosa pode ser entendida como um “disfarce”, visto que “é a maneira necessariamente ‘sonsa’, isto é, dissimulada, de se apresentar uma visão profana, dessacralizada” (ARÊAS, p. 48). Essa redefinição do discurso se torna possível devido ao caráter polissêmico do texto bíblico e pelo distanciamento desse discurso religioso com relação a uma linguagem objetiva e calcada estritamente na função referencial.

Para Benedito Nunes (1989), é possível identificar, na maioria dos contos de Lispector, uma tensão conflitiva. Nos três textos estudados, a relação entre as personagens e a figura de Deus é marcada primordialmente pela tensão. Nesse sentido, busca-se compreender, a partir de uma metodologia baseada em alguns textos da área da Antropologia, como a relação entre o homem e o sagrado se estabelece, a fim de compreender de modo mais claro os conflitos encontrados nos textos de Lispector.

Referências bibliográficas

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BASTIDE, Roger. “O sagrado selvagem”. In: *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 250-275.

DI NOLA, Alfonso. Sagrado/Profano. In: *Enciclopedia Einaudi*, vol. 12. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. p. 105-160.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LISPECTOR, Clarice. Bichos (I). In: *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. p. 373-376.

_____. Mineirinho. In: *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 123-127.

_____. O crime do professor de matemática. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 118-125.

_____. Perdoando Deus. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 41-45.

NUNES, Benedito. A forma do conto. In: _____. *O drama da linguagem, uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 83-95.

ROSENBAUM, Yudith. A ética na literatura: leitura de “Mineirinho”, de Clarice Lispector. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.24, n. 69, p. 169-182, 2010.